

A CHIQUARA RECOLHIDA

Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto¹

A história que vou narrar se passou em um município distante no interior do Pará, em uma casa com sete mulheres. Mas não se trata de nenhum romance de Letícia Wierzchowski, é bem mais simples que isso. É sobre uma menina que pulava elástico, adorava subir em árvores, comia farinha direto da *folheta* e andava sempre com os pés nus no chão (por isso quase sempre tinha *mijacão*). A menina papa-farinha era toda levada da breca. Não parava quieta. Quer dizer que, se estivesse aprontando alguma, daria para jurar que não tinha criança em casa. E foi num desses repentinos sumiços da menina que algo aconteceu.

Todos os dias, após o almoço, a família tinha a “hora da sesta”, menos a única criança da casa. Ela fazia jangadas para brincar de casinha, inventava receitas mirabolantes com folhas das árvores do quintal — que jurava serem poções mágicas que a levariam à outra dimensão, subia nas árvores e imaginava serem magníficos fortes. Numa dessas subidas, aconteceu um acidente. O galho da goiabeira em que a menina estava sentada, perdida em seus férteis pensamentos, se rompeu, fazendo-a despencar de uma altura significativa. Enquanto caía rapidamente, seu cérebro ainda mais rápido a fez pensar:

— E se eu fosse a Jean Gray? (Sim, ela pensou na ruiva de X-men, o seu desenho animado favorito. Assistido, fielmente, todas as manhãs).

Mas ela não era. E depois de alguns segundos de devaneios, veio a dor.

— Ân! Ân! Ân!

Mal o ar conseguia passar em seus pulmões afetados pelo impacto da queda. Vieram socorrê-la de uma maneira meio peculiar, sem saberem direito o que havia acontecido. Ninguém poderia imaginar que a menina tivesse caído de um lugar tão alto e ainda estivesse consciente. Pediram-na para que se levantasse e se recompusesse. Não dava! A dor era intensa, a respiração não saía, e menos ainda uma explicação. Afinal, ninguém vira o que acontecera.

Com a menina estirada no chão sem conseguir se mexer, a existência dos saberes populares do interior falou mais alto, e logo a ideia de puxar desmentidura veio à tona. Logo disseram:

¹ Universidade do Estado do Mato Grosso. E-mail: sannykellen2728@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2901-8442>

— Tá desmentida. Chama a dona Lourdeca.

Dona Lourdeca era uma mulher robusta e idosa. Tinha um narigão de batata que dava muito medo, mas a menina não se acovardou, deitou-se de bruços no chão a pedido de dona Lourdeca que, tendo muitas vezes o peso da menina, sentou-se sobre suas frágeis costas. A menina já não sabia mais se sentia dor pela queda ou pelo peso de dona Lourdeca, que esmagava suas costas. E puxava e puxava, passava andiroba, copaíba, sebo de holanda, arnica e todos os unguentos místicos da região amazônica.

Por fim, deu o veredito.

— É chiquara recolhida! E só tem um jeito quando é assim.

A mãe da menina, num misto de preocupação e curiosidade, perguntou:

— E que jeito é esse?

Enquanto vó Maroca e vó Tonica se entreolharam de soslaio, dona Lourdeca respondeu:

— Tem que meter o dedo no fiofó pra puxar a chiquara.

Fez-se um silêncio estarrecedor.

Todos pareciam desconfiadamente preocupados.

A menina com os olhos arregalados de medo...

...

...

...

O cóccix está recolhido até hoje.

*Recebido em 25 de agosto de 2022
Aceito em 30 de janeiro de 2023*